

## **Biografia de um menor abandonado**

Seu nome é Allan Menocci, tem quinze anos, cabelos pretos, branco, alto, forte, inteligente; na maioria das vezes, com uma expressão seriíssima em seu rosto, porém, nunca deixando que sua beleza passe despercebida. Nasceu em maio de 2000, em São Paulo; vive com sua família: pai, mãe, irmã e irmão. Não é um menor abandonado que vive nas ruas; é um adolescente com família, moradia, escola, roupa, comida... Entretanto, Allan não é nada feliz. Alguns agora se perguntam o porquê de tamanha infelicidade. Ele é tão lindo, tão jovem. Como isso é possível?

Allan, desde seu nascimento, sempre foi extremamente grudado à sua mãe, enquanto seus irmãos estavam mais próximos do pai. Exatamente no dia em que nasceu, chorou, chorou demais, e só parou quando sua mãe o pegou no colo; foi aí que ele trocou um carinho com ela: um “beijo de nariz”. Sua mãe nunca foi muito presente, então não se sabe quando Allan começou a andar; mas é certo que ao falar pela primeira vez, “mamãe”, ele estava se dirigindo à babá. Aos dois anos, Allan foi à praia com seus pais, e sua mãe resolveu fazer, com um graveto, um desenho na areia. E foi aí que o perfeccionismo de Allan se manifestou; no momento em que sua mãe terminou o desenho com um círculo de um dos lados, Allan desenhou outro círculo simetricamente calculado.

Desde os quatro anos, sempre que podia, saía para brincar na lama, para escalar árvores; era uma criança que adorava a natureza. Porém, só ele e a natureza. Sempre foi quieto e sério. Contudo, desde pequeno, quando fica com raiva dá uma de louco e exagerado; grita; bate; esperneia. É assim até hoje; mas esse ataque fica pior quando seu irmão mais novo chega da escola; é só os olhares se encontrarem que já dá briga. Se os dois ficarem um segundo juntos, pode ter certeza de que no segundo seguinte já estarão brigando e gritando.

Allan nunca gostou de estudar ou ir à escola. Desde a pré-escola dizia: “tudá é muito feio!”. Em contrapartida, é, de fato, um estudante. Um fato engraçado é que aos seis anos, ainda no pré, seus pais foram chamados pela psicopedagoga, porque ele havia falado um palavrão. Sua mãe ficou indignada, querendo saber com quem ele havia aprendido; desconfiou da babá, dos sobrinhos; ficou uma fera. Perguntou qual era o palavrão: merda. Merda! Bom... é... com quem Allan aprendeu? Com ela!

Aos sete anos, entrou na escola e desde então, Allan é calado, muito calado. Doentamente tímido. Mas diz que não é assim: “Não sou tímido! Se eu quiser falar, eu falo!”. Não gosta de fazer trabalhos em grupo, pois diz que na maioria das vezes, as pessoas não fazem a parte delas; mas ao ser questionado se não tem ninguém à sua altura, ele responde: “sim, existem várias, até melhores, mas não sou aproveitador”; então, prefere fazer os trabalhos individualmente. Aos quatorze anos, Allan teve um “problema” com um professor de filosofia; justamente por não querer fazer trabalhos em grupo. Teve sua primeira nota vermelha; e tomou pelo menos umas três surras, de desmontar o esqueleto! Surras pela nota? Não. Surras porque desrespeitou o professor, mas principalmente pela incoerência de querer uma nota por algo que não fez! Incoerente.

Hoje, aos quinze, Allan não é muito sociável. Nunca foi. Ele é um cara intelectual. Sempre foi. Lê muito! Mas o problema é que parece que ele tem dupla personalidade. Em casa é um “inferno”, chato, exagerado, brigão, mandão, irritante; já, na escola, é um “santo”, quieto, disciplinado, calmo, “na dele”. Um paradoxo. Essa é a palavra perfeita: paradoxo. Se as pessoas que não sabem que ele é assim, soubessem a verdade, muitas não acreditariam.

Mas há algo no Allan que é totalmente incompreensível: o fato dele sempre dizer que não tem culpa de nada, que ele sempre fala a verdade, que ele sempre está certo e que todos os outros estão errados. Algumas das frases que Allan diz são: “Quem?... Eu?”, “Mas eu estou certo!”, “Eu estou sempre certo!”, “Não...”, “Mas é a verdade!”, “Não é minha culpa!”, “Eu? Eu não!”, “Eu não faço nada errado!”, “Não é minha culpa se eu não faço nada!”, “Não é minha culpa se não é minha culpa!”. Bom, deu para perceber que todas são extremamente parecidas. Pois é... Allan é assim. Não assume seus erros, suas falhas; não vê que é egoísta e que exagera.

Outra coisa que Allan faz é ficar com raiva de quem o interrompe no meio de um comentário, fala, narração, etc., e depois que a pessoa pede desculpa e diz: “Pode continuar...”, Allan não fala mais nada. Fica mudo e com a cara emburrada. E a pessoa que estava conversando com ele, fica sem saber o final da conversa, no “vácuo”. Allan não entende que talvez ele deva falar um pouco mais rápido, ou simplesmente não se irritar da maneira como faz. Talvez tudo isso seja imaturidade.

Quais são os seus sonhos? Trabalhar com línguas: Tradução e Interpretação. Allan quer falar umas dez línguas como: japonês, mandarim, francês, alemão, russo, italiano e mais; no momento, está cursando duas delas: japonês e mandarim. Porém, não percebe que para trabalhar dessa forma, terá de conversar, ser simpático, ser sociável. Não basta ser inteligente e saber muito. Ele quer trabalhar com línguas, mas não gosta de se comunicar.

Por que Allan é infeliz? Bom, Allan diz que é porque ninguém gosta dele, porque sua mãe não lhe dá carinho, porque não fica junto dele, porque seus irmãos dizem que ele é idiota. Há pouco tempo, Allan descobriu o significado dessa palavra que ele tanto odeia; idiota em grego é “idiotes”. Significado: aquele que não participa dos assuntos da comunidade. Aquela que não participa da política. Política: conflito entre pensamentos e ações diferentes que define como será a vida coletiva. Será que Allan não é idiota?

Allan sofre. Sozinho. Diz que ninguém entende como ele sofre. Em suas palavras: “É difícil... é difícil... porque as pessoas não me entendem”. Diz que não se importaria de viver sozinho porque para os outros ele não faz diferença. Allan diz que seus irmãos não o amam, mesmo ele os amando muito. Diz que os dois brincam juntos e o deixam sozinho. Diz que é excluído, mas, na verdade, é ele quem se exclui.

Enfim, Allan é carente. Incompreensivo. Sozinho. Escolheu ser sozinho. Carente de atenção, carinho, amor, bens materiais, segurança. Ele é carente. Uma criança carente; um menino carente. Não é um menor abandonado que vive nas ruas; é um adolescente com família, moradia, escola, roupa, comida... Mas para Allan, ele é simplesmente, um menor abandonado...

***Giovanna Menosi***